

*V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur*

PODER, GOBIERNO Y ESTRATEGIAS EN LAS UNIVERSIDADES DE AMERICA DEL SUR

Mar del Plata; 8, 9 y 10 de Diciembre de 2005



**COMUNICAÇÃO-NÃO-VERBAL EM SALA DE AULA: ANÁLISE DO CORPO  
DOCENTE EM UM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - STRICTO SENSU**

**Janine Kuroski Fischer**

Universidade Regional de Blumenau/ FURB - [janine@furb.br](mailto:janine@furb.br)

**Maria José Carvalho de Souza Domingues**

Universidade Regional de Blumenau / FURB - [mariadomingues@furb.br](mailto:mariadomingues@furb.br)

RESUMO

O conteúdo ministrado em sala de aula, os maiores títulos acadêmicos e toda a experiência profissional que um professor de Mestrado possa ter é acompanhada por sua comunicação-não-verbal que também transmite muito aos alunos. Sua postura, seus gestos, seu tom de voz, a maneira como direciona o olhar, etc podem ser ou não uma contribuição à sua didática, um facilitador da interação em sala de aula e da relação interpessoal com seus alunos. Pequenas ações podem estar transmitindo uma imagem de professor inseguro, desatualizado e pouco criativo, por exemplo, sem que este realmente seja assim. Mesmo que o profissional assegure-se que a atualização seja uma constante na profissão de docente, parte-se da premissa que todo e qualquer professor deseja que sua imagem esteja condizente com esta qualidade de bom professor. E esta mensagem é transmitida tanto pelo seu conteúdo ministrado através de comunicação verbal, quanto pelo foco deste artigo: a comunicação não-verbal. Este artigo é resultado de uma pesquisa de campo junto ao corpo docente do curso de Pós Graduação – Stricto Sensu - da Universidade Regional de Blumenau para que relatasse quais os sinais de

*V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur*

PODER, GOBIERNO Y ESTRATEGIAS EN LAS UNIVERSIDADES DE AMERICA DEL SUR

Mar del Plata; 8, 9 y 10 de Diciembre de 2005



comunicação não-verbal de seus professores das disciplinas obrigatórias do curso durante a execução de suas aulas. Diversos modelos de comunicação não-verbal são relatados no âmbito do ambiente da comunicação, da aparência física do comunicador, da proxêmica, do comportamento cinestésico e da paralinguagem. A partir disto, foi possível perceber a importância e a influência que todos estes aspectos têm na relação interpessoal, o que representam para a qualidade do ensino-aprendizagem. Percebeu-se que o corpo docente da instituição tem realizado uma comunicação eficaz na execução de suas aulas, com pequenos pontos a melhorar sob a ótica dos alunos. Como resultados pode-se afirmar que nenhum professor do curso analisado mostrou-se completamente eficiente em todos os modelos de comunicação não-verbal nem totalmente ineficiente. Todos apresentaram um ou outro quesito negativo, mas o que prevaleceu foram comportamentos positivos e eficientes na maior parte dos itens analisados por seus alunos.

## 1 INTRODUÇÃO

Tudo comunica. Numa sala de aula, por exemplo, em que o professor sugere aos seus alunos que podem se reunir em pares, e o aluno permanece voltado para o seu material, estático e em silêncio, está comunicando que não deseja conversar com ninguém. Já defendia o estudioso da interação humana, Paul Watzlawick (1973), que um indivíduo não poderia não se comunicar. Parar ou mover-se, calar ou falar, dentro de um contexto, possuem valor de mensagem, ou seja, têm significado.

Silva (2002) afirma que na interação face a face, os códigos de comunicação são audíveis, visíveis e sensíveis, na qual se utilizam a linguagem verbal, ou seja, os sons

*V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur*

PODER, GOBIERNO Y ESTRATEGIAS EN LAS UNIVERSIDADES DE AMERICA DEL SUR

Mar del Plata; 8, 9 y 10 de Diciembre de 2005



emitidos pelo aparelho fonador e com o corpo todo, inclusive com objetos e adornos que utilizamos.

“Estudios hechos sobre a comunicação não-verbal estimam que apenas 7% dos pensamentos (das intenções) são transmitidos por palavras, 38% são transmitidos por sinais paralingüísticos (entonação de voz, velocidade com que as palavras são ditas) e 55% pelos sinais do corpo.” (Birdwhistell, apud SILVA, 2002, p. 28)

Um dos assuntos muito focado por diversos autores é a conceituação do que é comunicação não-verbal. Segundo Rector; Trinta (1985), alguns fazem objeção ao termo não-verbal por ser abrangente e pela oposição que faz ao componente verbal da comunicação humana. Outros como Corraze (1982) utilizam “as comunicações não-verbais” como diferentes meios existentes de comunicação entre seres vivos que não utilizam a linguagem escrita, falada ou seus derivados não sonoros (linguagem dos surdos-mudos, por exemplo). É um conceito que evidencia um extenso campo de comunicações, pois não restringe apenas à espécie humana. O ruído dos golfinhos, a dança das abelhas e a expressividade das artes como a pintura são alguns exemplos.

Boltanski (1989) e Silva (2002) resumem em quatro as funções básicas da comunicação não-verbal nas relações interpessoais: a) complementar à comunicação verbal: sinais que reforcem, reiterem ou complementem o que é dito verbalmente. Isto propicia uma decodificação mais precisa da mensagem; b) substituir a comunicação verbal: significa a realização de qualquer sinal não-verbal em substituição às palavras; c) contradizer o verbal: o comportamento não-verbal pode contradizer o verbal em alguns casos. Pode ser uma resposta natural a uma situação em que o comunicador não quer falar a verdade nem deseja mentir. O resultado desta ambivalência é uma mensagem

*V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur*

PODER, GOBIERNO Y ESTRATEGIAS EN LAS UNIVERSIDADES DE AMERICA DEL SUR

Mar del Plata; 8, 9 y 10 de Diciembre de 2005



discrepante; d) demonstrar sentimentos: segundo Davis (1979) esta é a função principal da comunicação não-verbal.

## **2 CATEGORIAS DA COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL**

Segundo Guiraud (1991, p. 58), “o conjunto de signos não lingüísticos e que podem, ou substituir a linguagem articulada ou acompanhá-la, é objeto de três disciplinas: a cinésica, a proxêmica e a prosódica”. A palavra cinésica, formou-se a partir do grego kinesis – movimento - é o estudo dos gestos e das mímicas. O norte-americano Birdwhistell concebeu e definiu uma “ciência” dos gestos corporais. Finalizando as disciplinas de Guiraud, a proxêmica foi definida como o estudo das posições e deslocamentos do corpo, enquanto que a prosódica estuda as entonações e as variações da voz.

### **2.1 A PROXÊMICA**

“A noção do eu individual não se restringe aos limites da pele. Ela passeia dentro de uma espécie de bolha particular, representada pela quantidade de ar que se sente existir entre o ‘eu’ e o ‘outro’.” (DAVIS, 1979, p.91)

A proxêmica, do inglês *proxemics*, definida por Edward Hall (1986) como o estudo da estruturação inconsciente do microespaço humano, partiu de considerações a respeito dessa sensação intensa de espaço pessoal. Além de ser quase inteiramente inconsciente, é natural e espontânea, representando alto grau de arbitrariedade e variando profundamente de uma cultura para outra.

Embora se imagine que as pessoas defendam sempre seu espaço, esta defesa depende de quem é o intruso, porque e qual o tipo da invasão (violação, ocupação ou

*V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur*

PODER, GOBIERNO Y ESTRATEGIAS EN LAS UNIVERSIDADES DE AMERICA DEL SUR

Mar del Plata; 8, 9 y 10 de Diciembre de 2005



contaminação), quanto tempo dura e onde ela ocorre. Essa invasão pode ser prevenida por um uso de marcadores como cercas, casacos, olhares hostis, recuo, afastamento, bloqueio de avanço com as mãos, ou até defesas verbais que consigam manter a distância.

Hall (1986) classifica quatro tipos de distâncias interpessoais: a) distância íntima - do toque a 45 centímetros: a presença do outro se impõe através do cheiro, do calor do corpo, do ritmo da respiração e do sopro do hálito; b) distância pessoal - de 45 a 125 centímetros: é a distância sem contato que corresponde afastamento mantido espontaneamente pelos indivíduos; c) distância social - de 125 a 360 centímetros: é a distância em que ninguém toca ou espera ser tocado. Com um móvel separando ou em duas poltronas, é o modo comum das pessoas trabalharem ou se reunirem informalmente; d) distância pública - acima de 360 centímetros: a voz adota um estilo formal e o contato com os olhos torna-se opcional.

## **2.2 O COMPORTAMENTO CINESTÉSICO**

### **2.2.1 Gestos**

Davis (1979) relata as experiências do professor Birdwhistell, a partir da análise de filmes, na qual o levou a descobrir uma analogia entre a cinésica e a linguagem, pois assim como o verbal pode ser repartido em sons, palavras, frases etc, a cinésica também apresenta unidades similares. “A menor delas é a Kine, uma simples contração, um movimento mal perceptível. Acima do Kine há movimentos mais amplos e mais significativos, chamados Kinemas, portadores de significado quando vistos em contexto.” (DAVIS, 1979, p. 40)

*V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur*

PODER, GOBIERNO Y ESTRATEGIAS EN LAS UNIVERSIDADES DE AMERICA DEL SUR

Mar del Plata; 8, 9 y 10 de Diciembre de 2005



Knapp e Hall (1999) consideram que há vários tipos de gestos, mas os mais estudados podem ser divididos em: a) gestos independentes da fala, além dos casos de deficiência auditiva que levam ao uso da linguagem dos sinais, os gestos isolados também se desenvolvem em outras situações nas quais leves mudanças em como o gesto é feito, ou no contexto na qual ele está inserido, afetam o significado da comunicação; b) gestos relacionados à fala, geralmente enfatizam uma palavra ou discurso, apontam objetos presentes, descrevem uma relação espacial, o ritmo de um evento, uma ação corporal.

### 2.2.2 Posturas

Estudada geralmente junto com outros signos não-verbais, a postura pode determinar o grau de atenção e interesse no outro, além da relação de empatia e status que exercem entre si.

Davis (1979) e Silva (2002) remetem que a postura de um corpo em relação a outro ou a algo indica basicamente duas situações contrárias: acolhida e aproximação ou desafio e rejeição. Quando uma pessoa se posiciona de corpo (braços, pernas e mãos) descruzado, voltados para o outro, está tentando uma aproximação, e o contrário mostraria uma rejeição. Estabelecem ainda três dimensões que revelam as características da relação estabelecida: a) oposição inclusiva ou não-inclusiva: quando duas pessoas interagem e mostram estar protegendo-se ou não de interferência externa; b) orientação frente a frente ou em paralelo: voltadas umas para a outra, indica que as pessoas têm um interesse maior entre si, seja ele negativo ou positivo. Quando em paralelo, indica desejo de parceria e objetivos comuns; c) congruência ou não: numa boa

*V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur*

PODER, GOBIERNO Y ESTRATEGIAS EN LAS UNIVERSIDADES DE AMERICA DEL SUR

Mar del Plata; 8, 9 y 10 de Diciembre de 2005



relação interpessoal, busca-se manter uma sintonia de movimento, postura e ritmo em relação à pessoa que se está interagindo.

### 2.2.3 Comportamento tátil

Segundo Knapp e Hall (1999), os significados que atribuímos ao toque variam com a parte do corpo que é tocada, quanto tempo dura o toque, sua força e intensidade, o método usado (por exemplo, mão aberta ou fechada) e sua frequência.

Dados reunidos em pesquisas de Jones e Yarbrough (1985) (apud Knapp e Hall, 1999, p. 247) indicam uma variedade de significados associados ao toque ao analisarem 1500 atos de toque social. Para eles, os toques podem comunicar: afeto positivo, afeto negativo, brincadeira, influência, gerenciamento de interação, receptividade interpessoal e gerenciamentos de uma tarefa ou função.

### 2.2.4 Expressões faciais

Na comunicação não-verbal, o rosto é a zona do corpo em que há no ser humano a maior consciência de seus atos e, conseqüentemente, a tentativa de controle sobre eles. Conforme Knapp e Hall (1999) a face é um sistema de multimensagem que pode comunicar informações referentes à personalidade, interesse e receptividade durante uma interação, estados emocionais verdadeiros e aqueles que as pessoas gostariam de apresentar aos outros. Apesar de nem sempre ser fácil identificar as expressões faciais que provem de uma combinação enorme de músculos em movimento, há certas emoções básicas que são identificadas precisamente em diferentes culturas no mundo todo.

*V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur*

PODER, GOBIERNO Y ESTRATEGIAS EN LAS UNIVERSIDADES DE AMERICA DEL SUR

Mar del Plata; 8, 9 y 10 de Diciembre de 2005



“Eu proponho que todas as expressões faciais de emoção são involuntárias; elas nunca são de um modo voluntário ou deliberado. Notem, eu disse todas as expressões faciais de emoção, não todos os movimentos faciais.” (EKMAN, 1997, p- 342)

O psicólogo e pesquisador Paul Ekman (apud Silva, 2002) chamou estas expressões de emoções puras e as descreveu a partir da divisão da face em três partes: testa, olhos e boca: a) alegria - pálpebras levantadas, sorriso, “olhar brilhante”, levantamento da bochecha com fechamento do olho e levantamento da boca; b) raiva - testa enrugada verticalmente pela junção das sobrancelhas, olhos fechados e tensos ou abertos e firmes, boca tensa, mandíbula cerrada, pupila contraída; c) nojo – lábio superior levantado com acompanhamento ou não do lábio inferior, sobrancelha acentuada; d) medo – testa levantada com rugas horizontais, pálpebras fechando rapidamente ou abrindo-se excessivamente, rigidez, lábios finos e tensos com boca aberta ou não; e) tristeza – comissura labial voltada para baixo, sobrancelha oblíqua, “olhar cabisbaixo”, choro; f) surpresa – abertura da boca e dos olhos, sobrancelhas erguidas e afastadas; g) desprezo - lábio superior com um dos cantos levantados, olhar de cima para baixo.

### 2.2.5 Comportamento ocular

No conjunto das expressões faciais, o olhar tem fascinado cientistas e pesquisadores que se preocupam com seus efeitos no comportamento humano. Estudos exploraram características como tamanho, cor, posição, sobrancelhas, olheiras e rugas, mas é na pupila que há um sinal involuntário e muitas vezes inconsciente. “A pupila dilatada significa aprovação do que está sendo dito pelo outro; já a pupila contraída manifesta desagrado, desinteresse, discordância.” (SILVA, 2002, p. 67)

*V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur*

PODER, GOBIERNO Y ESTRATEGIAS EN LAS UNIVERSIDADES DE AMERICA DEL SUR

Mar del Plata; 8, 9 y 10 de Diciembre de 2005



Parte de expressões rotineiras como “era capaz de atravessá-la com seu olhar”, “tem um olhar gelado” ou ainda “lançava olhares furiosos através da sala” é que levam pesquisadores como Argyle e Cook, 1976; Kleinke, 1986; Rutter, 1984 (apud Knapp e Hall, 1999, p. 296) a focarem em duas terminologias: olhar fixo e olhar fixo mútuo.

O olhar fixo refere-se ao comportamento visual de um indivíduo, que pode ou não ser dirigido a outra pessoa. O olhar fixo mútuo refere-se a uma situação em que os dois interagentes estão olhando um para o outro. Davis (1979) explica que o lugar para onde uma pessoa está olhando indica qual o objeto de sua atenção e quando ele se concentra noutra pessoa, mas não demonstra quais são as suas intenções, isso pode deixar nervoso até um primata. “A ameaça potencial de um olhar fixo tem sido documentada através de toda a história da humanidade e em muitas civilizações existem lendas sobre o “mau-olhado”, o olhar que causa danos a quem o recebe.” (DAVIS, 1979, p. 69)

### **2.3 A PARALINGUAGEM**

Para Rector; Trinta (1986) a paralinguagem remete a uma série de ocorrências na linguagem, mas que não fazem parte da língua usada, e exemplificam com as variações de altura, ritmo e intensidade da voz; as pausas preenchidas (por grunhidos como hummm) e as não preenchidas (silêncio); os sons que não fazem parte da língua como o riso e o suspiro e outras qualidades da linguagem articulada como a ressonância.

Este jeito como as pessoas falam pode ser dividido em cinco tipos de sinais paraverbais, conforme Sampaio (1991) e Silva (2002): a) lexicais: são aqueles que possuem significado próprio; b) descritivos: são os que ilustram a fala; c) reforçadores: enfatizam e acentuam o ato verbal, com um tom de voz mais forte numa determinada palavra da frase, ou o ritmo utilizado; d) embelezadores: utilização da música para dizer

*V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur*

PODER, GOBIERNO Y ESTRATEGIAS EN LAS UNIVERSIDADES DE AMERICA DEL SUR

Mar del Plata; 8, 9 y 10 de Diciembre de 2005



algo, como os jingles publicitários, e o jeito de amaciar a voz como sinal de carinho; e) acidentais: acontecem por acaso e simultaneamente à fala, expressando somente significado fisiológico.

Segundo Knapp e Hall (1999), alguns estudos sugerem que a voz interfere na compreensão de uma mensagem pelo ouvinte e também no aspecto da persuasão, demonstrada por mais fluência, ritmo mais intenso, mais volume e menos pausas no discurso. As pausas, hesitações e grunhidos também têm papel importante, podendo ser muito influenciadas pelo outro interagente e pela natureza da situação social.

### **3 A COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO**

O que se espera de um professor, segundo Moran (2000), é em primeiro lugar que seja competente na sua especialidade, que conheça o conteúdo e seja atualizado. Em segundo lugar, que saiba realizar a comunicação com seus alunos, motivando-os, mantendo o entrosamento e a cooperação produtiva em sala de aula. Porém, ele salienta que muitos professores se satisfazem em aprimorar-se apenas no conteúdo e na transmissão do mesmo. “Na educação, precisamos (...) também de pessoas que saibam interagir de forma mais rica, profunda, vivencial, facilitando a compreensão e a prática de formas autênticas de viver, de sentir, de aprender, de comunicar-se.” (MORAN, 2000, p. 163).

Na pesquisa em que Rocha (1999) realizou no campo das interações entre docentes e alunos em sala de aula, encontrou como aspectos facilitadores para o aprendizado: a boa comunicação professor-aluno; o conteúdo relevante e a dinâmica realizada em aula; como aspectos dificultadores: a inibição de alguns alunos; a falta de interesse pelo tema e o tempo reduzido para a matéria. A boa comunicação vista como

*V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur*

PODER, GOBIERNO Y ESTRATEGIAS EN LAS UNIVERSIDADES DE AMERICA DEL SUR

Mar del Plata; 8, 9 y 10 de Diciembre de 2005



um aspecto facilitador, em dupla importância, pois além de facilitar o aprendizado, diminui a incidência de aspectos dificultadores, já que sendo realizada de forma eficaz, os alunos demonstram-se mais desinibidos e interessados pelo tema da aula.

De acordo com Silva; Castro (2003) é importante para o professor conhecer os sinais não-verbais, não apenas para verificar o interesse da classe, mas para avaliar sua própria postura, que interfere no interesse e desempenho dos alunos.

Segundo Bordenave; Pereira (2002), quando o professor conhece bem seus alunos, bem como seus repertórios comunicativos, seus objetivos e seus signos, a tarefa da comunicação torna-se mais fácil e efetiva, principalmente quando o professor demonstra interesse em modificar e ampliar esses repertórios a favor de um melhor relacionamento interpessoal.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS DA PESQUISA**

O método adotado para a pesquisa foi quantitativo, o delineamento descritivo, e o procedimento “survey” para o levantamento dos dados. A pesquisa foi teórico-empírica, uma vez que se verificou a adoção da comunicação não-verbal em um determinado contexto, sendo este as salas de aula das disciplinas obrigatórias do curso que são, especificamente: Metodologia do Ensino; Metodologia da Pesquisa; Métodos Estatísticos; Estratégias Organizacionais e Empreendedorismo. A população da pesquisa contou com uma amostra intencional formada pelos acadêmicos matriculados em setembro de 2004 e março de 2005, num total de 28 alunos, para fazerem suas análises do corpo docente das disciplinas selecionadas.

O instrumento de coleta dos dados constitui-se de questionário estruturado, com questões fechadas em que suas respostas correspondiam à codificação da comunicação

*V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur*

PODER, GOBIERNO Y ESTRATEGIAS EN LAS UNIVERSIDADES DE AMERICA DEL SUR

Mar del Plata; 8, 9 y 10 de Diciembre de 2005



não-verbal com base no quadro resumo dos modelos não-verbais de comunicação interpessoal utilizados por pesquisas de Rocha (1999), Silva (2002) e Silva e Castro (2003).

De acordo com Silva (2002), os modelos não-verbais têm seu uso efetivo e eficaz quando demonstram ser comportamentos que encorajam a fala do outro porque representam aceitação e respeito entre as partes, portanto um facilitador da relação interpessoal e da comunicação entre docente e aluno. Já os modelos não-verbais, utilizados de forma ineficaz, são comportamentos que enfraquecem a comunicação.

## 5 RESULTADOS DA PESQUISA

Analisando cada modelo de comunicação isoladamente, percebe-se que há cinco modelos em que todos os professores os utilizam de forma eficiente para realizar sua comunicação não-verbal. Mais especificamente, todos utilizam os **móveis** numa disposição em sala de aula que estimulam o clima de união entre os participantes; as **roupas e acessórios** não são provocativas nem extravagantes, sendo na verdade de estilo simples o que não distrai a atenção do aluno; o **ritmo de voz** médio foi percentualmente maior na indicação de sua efetividade, nem muito impaciente, hesitante ou lento; e o corpo docente como um todo realiza **movimentos de cabeça** positivos que estimulam a conversação e a aceitação na relação interpessoal na sala de aula.

Pouco mais da metade dos alunos apontou a **postura** de dois professores como rígida, sendo menos eficaz, no caso, do que a postura relaxada e atenta dos demais professores. A **postura corporal** de apenas um deles também não estava sendo realizada de forma eficaz voltada para os alunos, e sim, o professor se posicionando em

*V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur*

PODER, GOBIERNO Y ESTRATEGIAS EN LAS UNIVERSIDADES DE AMERICA DEL SUR

Mar del Plata; 8, 9 y 10 de Diciembre de 2005



muitos momentos de lateral para eles ou até mesmo de costas enquanto apresentava o conteúdo.

A maior parte do corpo docente realiza um contato regular médio com os **olhos** de seus alunos, sendo um professor interpretado como tendo um olhar desafiante e outro simplesmente não realiza a troca de olhares como momento de sinergia e integração entre os interlocutores. Esse mesmo docente foi o único a ser apontado pelos alunos por não apresentar **expressão facial** ou por manter-se com o rosto voltado para o lado ao invés de se apresentar sorridente, demonstrando seus sentimentos com eficiência para uma boa comunicação não-verbal. Numa percentual pouco maior que cinquenta, os alunos analisaram o **volume de voz** de três professores como ideais, ou seja, claramente audíveis. Sendo um docente julgado por falar alto demais e outro, pelo contrário, num volume baixo demais.

Quanto ao **nível de energia**, o que foi percebido é que apenas dois professores estão eficientemente sempre em alerta, enquanto que a maioria foi apontada por parecer sonolenta e apática ou inconstante no caso de um nível de energia cíclico. Este item interferiu na imagem formada por um professor pelos seus alunos de que na área **paraverbal** realiza muitas pausas ao responder alguma pergunta ou até as responde intercaladas com grunhidos. Os outros quatro docentes já apresentam um comportamento não-verbal de uso eficaz, pois respondem prontamente qualquer questionamento.

Knapp; Hall (1999) lembram que os **maneirismos**, como roer unhas ou mexer no cabelo, são como “muletas” que as pessoas usam para liberar ansiedade e insegurança e que, por acabarem distraíndo, o ideal é que não existissem. No corpo docente do

*V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur*

PODER, GOBIERNO Y ESTRATEGIAS EN LAS UNIVERSIDADES DE AMERICA DEL SUR

Mar del Plata; 8, 9 y 10 de Diciembre de 2005



mestrado analizado apenas um professor apresenta este comportamento aos olhos dos seus alunos.

A **distância interpessoal** praticada entre professor e aluno foi identificada com a intenção de aproximação por parte de quatro dos docentes. Porém, um fato curioso é que, por menor que seja a distância entre os interlocutores, ela não vem acompanhada da existência do **toque** durante a conversação. Apenas um professor demonstrou aproximação e toque durante o relacionamento interpessoal em sala de aula.

## CONCLUSÃO

Como ressalta Silva; Castro (2003, p.1), “na interação professor-aluno, o professor tem um importante papel e seu bom desempenho depende da consciência e habilidade que tenha na comunicação”.

Na pesquisa apresentada, nenhum professor do Mestrado em Administração da FURB se mostrou completamente eficiente em todos os modelos de comunicação não-verbal nem totalmente ineficiente. Todos apresentaram um ou outro quesito negativo, mas o que prevaleceu foram comportamentos positivos na maior parte dos itens analisados por seus alunos. A cultura, mais uma vez, parece interferir nos padrões de comportamento. A instituição de ensino analisada está inserida numa região com fortes influências da cultura germânica, na qual se herdaram o hábito de menos toques do que os costumes do povo latino.

Em busca da melhoria contínua é preciso buscar métodos para desenvolver habilidades não verbais. Weil (1981) menciona métodos e técnicas que possibilitam mudanças sentimentais e até mesmo atingir a própria estrutura da personalidade total,

*V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur*

PODER, GOBIERNO Y ESTRATEGIAS EN LAS UNIVERSIDADES DE AMERICA DEL SUR

Mar del Plata; 8, 9 y 10 de Diciembre de 2005



entre elas a loga, a Dança, as técnicas de relaxamento, as artes marciais, a psicoterapia corporal e a Técnica de Alexandre (encontro do uso correto do centro de gravidade).

Sobre o treinamento das habilidades não verbais, Knapp e Hall (1999) apresentam descobertas, usando métodos como feedback, observação e representação. O desenvolvimento da habilidade não-verbal aumentará com uma forte motivação por parte do corpo docente para melhorar com atitudes positivas e produtivas em relação a esta situação de aprendizagem, com uma compreensão do conhecimento relacionado à comunicação não-verbal e, principalmente, com a experiência prática do uso efetivo de comportamentos não-verbais em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 25. ed. São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1991. 104. (Coleção polemicas do nosso tempo, v.1).
- BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. 3. ed. Rio de Janeiro : Graal, 1989. 191p. (Biblioteca de saúde e sociedade, v.5).
- BORDENAVE, Juan E. D. **O que e comunicação**. São Paulo : Nova Cultural : Brasiliense, 1986. 105p.
- BORDENAVE, Juan E.D.; PEREIRA, Adair Martins. Estratégias de ensino-aprendizagem. 24. ed. Petrópolis : Vozes, 2002. 312p, il.
- BUYSSSENS, E. Semiologia e comunicação lingüística. São Paulo, Cultrix, 1972.
- CORRAZE, Jacques. **As comunicações não-verbais**. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1982. 142p, il, 21cm. (Psyche). Tradução de: Les communications non-verbales.
- DAVIS, Flora. **A comunicação não-verbal**. 6. ed. São Paulo : Summus, 1979. 196p.

*V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur*

PODER, GOBIERNO Y ESTRATEGIAS EN LAS UNIVERSIDADES DE AMERICA DEL SUR

Mar del Plata; 8, 9 y 10 de Diciembre de 2005



- EKMAN, Paul. **Should we call it expression or communication?** Innovations in Social Science Research, Vol 10, 1997, p. 333-344. (Special Issue edited by Angelika Kofler)
- GUIRAUD, Pierre. **A linguagem do corpo.** São Paulo : Ática, 1991. 101 p.
- HALL, Edward. **A dimensão oculta.** Lisboa, Relógio d'Água, 1986.
- MORAN, José Manuel. **Mudanças na comunicação pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica.** 2. ed. São Paulo : Paulinas, 2000. 191 p.
- KNAPP, Mark L; HALL, Judith A. **Comunicação não-verbal na interação humana.** São Paulo : JSN, 1999. 492p, il.
- RECTOR, Monica; TRINTA, Aluizio R. **Comunicação não verbal : a gestualidade brasileira.** 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1986. 183p.
- ROCHA, E.M. **Comportamento comunicativo do docente de enfermagem e sua influência na aprendizagem do educando.** [dissertação] São Paulo: Escola de Enfermagem da USP; 1999.
- SAMPAIO, Tânia Maria Marinho. **O não-verbal na comunicação pedagógica.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1991.
- SILVA, Maria Júlia Paes da. **Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde.** São Paulo : Gente, 2002. 133p, il.
- SILVA, M<sup>a</sup> J. P.; CASTRO, R. K. F. **Influências do comportamento comunicativo verbal e não verbal do docente em sala de aula – visão dos alunos e docentes de enfermagem.** Enfermaria Global, Murcia, n. 3, nov. 2003. Disponível em: <http://www.um.es/eglobal/3/03c02p.html>. Acesso em: 10 ago. 2005.
- SILVEIRA, Amélia. **Roteiro básico para apresentação e editoração de teses, dissertações e monografias.** Blumenau : Edifurb, 2002. 74p, il. +, 1 CD-ROM.



*V Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur*

PODER, GOBIERNO Y ESTRATEGIAS EN LAS UNIVERSIDADES DE AMERICA DEL SUR

Mar del Plata; 8, 9 y 10 de Diciembre de 2005



WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Donald de Avila. **Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação.** São Paulo : Cultrix, 1973. 263p.

WEIL, Pierre. TOMPAKOW, Roland. O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. 12. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 1981. 291p.